

Enfim, Mêdo e Esperança aliam-se na noção do Purgatório, lugar de purificação e de provação, situado entre o Céu e o Inferno, onde, mesmo depois da morte, ainda é possível fazer penitência pelos erros cometidos e ser redimido de seus pecados. Como o Inferno, é o Purgatório um lugar de torturas e de horrores. Mas, ao passo que nenhum caminho conduz para fora do Inferno, a permanência das almas no Purgatório é de duração limitada: uma vez decorrido o tempo da expiação que lhes foi imposto, as almas dos pobres pecadores acabam por entrar no reino celeste.

Assim, a Igreja Católica acumula todos os ritos, símbolos e imagens possíveis para banir o Mêdo primitivo da humanidade. De fato, durante quasi um milênio, foi bem sucedida no seu esforço, graças a seu poderoso sistema de purificação e de absolvição, organizado até nos mínimos detalhes. E justamente acontece que estes mil anos criaram as bases para o desenvolvimento da civilização ocidental.

\* \* \*

No, entanto, no declínio da Idade-Média, opera-se uma profunda transformação nas consciências do mundo cristão. Até então, nunca se tinha seriamente duvidado da missão da Igreja para dominar tôdas as forças demoníacas. Dalí em diante, a fé nessa missão perde seu império sôbre as almas.

Cresce, sem cessar, a massa dos homens aos quais as catedrais e as basílicas já não parecem constituir um baluarte seguro contra os assaltos do diabo e de seus exércitos. Cada vez maior se torna o número dos homens cuja fé no poder mágico de salvação, atribuído ao sacerdote, começa a ser abalada. O Mêdo primitivo torna a desabar sôbre as consciências, com tôda a violência acumulada por um refreamento de séculos.

Doutrinas sinistras agora aparecem. Assemelham-se às heresias espalhadas, no começo do cristianismo, pela seita dos Maniqueus: não é um Deus bom que criou o mundo e o governa, e sim um demiurgo demoníaco, e tôda a natureza, tôda a humanidade e todo o reino animal estão submetidos a êste espírito maligno. Os adeptos dessa crença sombria chamam-se cátaros, valdenses e albigenses. Sua fantasia excitada pelo mêdo torna a povoar o céu, os ares e a terra de dragões, sapos, gatos, macacos e cães fantasmas, vagueando desenfreados à aventura. Todos pertencem ao inferno. Esforçam-se, incansavelmente, por enredar os homens devotos na cilada de sua impiedade e de sua danação eterna. Esses homens não têm o amparo caridoso nem de Igreja alguma, nem de sacerdote algum, pois rejeitam as consolações e a graça como uma ilusão quimérica e vã.

Graças à Inquisição e aos exércitos dos seus cruzados, a Igreja romana consegue, mais uma vez, dominar as doutrinas dos cátaros. Mas, de quê vale isso? O mêdo reivindica seu direito sôbre as almas

e não se deixa abater nem com as fogueiras, nem com a espada do carrasco.

As quimeras perdem a rigidez imutável e granítica, à qual as condenara a Igreja. Seus corpos monstruosos animam-se de novo. A maldade e o sangue quente tornam a circular nas suas veias. Nas muralhas das catedrais vão-se rasgando as brechas. Inesperadamente, suas carantonhas de animais e de diabos tornam a arreganhar os dentes, zombando da comunidade dos fiéis, em baixo, no interior da Igreja.

Agora, em muitos corações pios, nasce a dúvida de que as cerimônias de preservação e de segurança observadas pela Igreja, de que, assim, a confissão, as indulgências, a intercessão dos santos e o exorcismo do sacerdote sejam realmente capazes de afastar o poderoso espírito maligno e redimir a alma do castigo de seus pecados. Por tôda parte, toma vulto o sentimento angustioso de que o homem só pode escapar ao inferno mediante uma transformação radical e se, graças ao sacrifício do seu antigo eu, reparar aquilo de que se tornou culpado. De novo despertam o sentimento duma culpa original, o desejo de infligir um castigo a si próprio. Assim na ânsia geral de penitência daquela época, toma feição nova a crença na necessidade de certos ritos mágicos de expiação.

Arraigam-se a convicção de que, quem quiser escapar à danação eterna, terá de acrescentar à penitência um sofrimento purificador e escolhido de motu próprio e de que o abalo profundíssimo, causado pelo terror catártico livremente escolhido, constitue o único caminho que conduz à Salvação. Essa convicção não tarda a provocar, entre os povos, grandes movimentos que encherão séculos inteiros.

Os mais imponentes chefes destes movimentos, e, ao mesmo tempo os propugnadores dessa convicção, vão ser os pregadores de penitência, cujas palavras emprestam a essa crença uma poderosa e terrível expressão.

Nas cidades alemãs, em Viena, Praga e Linz, em Spira e em Pforzheim, o monge franciscano Bertoldo de Ratisbona comove, com seus sermões de penitência, o povo reunido nas praças, em frente às igrejas. A êle é que Rogério Bacon elogia por ter, "graças a seus brilhantes sermões, causado mais felicidade do que todos os irmãos de outras ordens em conjunto". A êle afluem tantas dezenas de milhares de pessoas que, para possibilitar-lhes o abastecimento se vê obrigado a mudar seguidamente o local de suas prédicas.

"Ouvindo seus discursos" — relata João de Wintherthur. — "homens endurecidos e envelhecidos no vício apresentam-se, acusam seus pecados em voz alta, imploram misericórdia e prometem expiá-los."

Em Bolonha, Francisco de Assís fala, pela primeira vez, em 1220. "Tinha o hábito sujo, não se impunha pelo seu aspecto e seu rosto não possuía graça. Mas Deus emprestava a suas palavras uma força poderosa." E' assim que Tomásio de Spalato nô-lo descreve. Acrescen-